

COMO CALIBAN DESCONSTRUIU A FRONTEIRA DE PRÓSPERO

Maria Rosa Adanjo CORREIA³⁷

RESUMO

Nas literaturas africanas de língua portuguesa Caliban foi adquirindo contornos de um mito fundador, símbolo da libertação, escapando ao domínio de Próspero que lhe ensinou a sua língua para o escravizar. A libertação dos vínculos criados pela colonização e a busca de uma identidade matricial africana marcou os intelectuais e escritores africanos nas ex-colónias portuguesas. Embora dominando a língua do colonizador continuavam agrilhoados pelas leis e censura coloniais. Após a Guerra de 39/45, na sequência do Movimento da Negritude, Caliban vai transpondo a linha de fronteira e progride no território “inimigo”: contesta a exploração económica, o racismo, a falta de liberdade. Emergem na ficção narrativa e na poesia os valores da África Negra, o orgulho da raça e da sua ancestralidade, ideias igualmente veiculadas pelos jovens ultramarinos que viviam em Portugal na Casa dos Estudantes do Império e expressas no Boletim Mensagem. Nos anos 60, em Angola Luandino Vieira publica Luuanda, onde os habitantes dos musseques de Luanda rompem a fronteira do asfalto e fazem ouvir a sua voz. Luís Bernardo Honwana dá a palavra aos camponeses das machambas moçambicanas em Nós Matámos o Cão Tinhoso. As balizas cairão com as independências, um novo ciclo inicia-se. Pouco a pouco, os temas e linguagem revelam a desconstrução da fronteira colonialista, questionando o papel do indivíduo na sociedade, clarificando a procura da identidade individual e nacional.

PALAVRAS-CHAVE: língua portuguesa; Luandino Vieira, Luís Bernardo Honwana, literatura angolana; literatura moçambicana.

As identidades, linguisticamente engendradas, não são necessariamente fronteiras estanques, muros erguidos contra outros/as ou muralhas opressoras, mas celebrações da singularidade multicolor de cada ser e de cada pessoa. Daí que, mesmo num só idioma, se apele ao soerguer não de uma mas de muitas línguas, em múltiplas pronúncias, capazes de reencontrar, deste lado do continente, o registo não hegemónico de uma Europa plurilingue e diversa.

Hugo Monteiro

37 UL, Faculdade de Letras, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, CLEPUL Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade de Lisboa, 1600-214 Lisboa, rosadanjo@gmail.com

Nas literaturas africanas de língua portuguesa Caliban, personagem de Shakespeare (*A Tempestade*, 1612) que se apropriou da linguagem colonialista de Próspero, foi adquirindo contornos de um mito fundador, símbolo da emancipação cultural e linguística. Assim, foram várias vezes assinalados quer como símbolo dos povos – Caliban, quer como dos colonialistas – Próspero.

Neste sentido, recorde-se de Rui Knopfli *A ilha de Próspero*, 1972, os Cadernos *Caliban* (*Caliban 1*, 1971, *Caliban 2*, novembro de 1971 e *Caliban*, ¾, junho de 1972). De Manuel Ferreira as Antologias *Panorâmicas da Poesia Africana de Expressão Portuguesa: No Reino de Caliban I Cabo Verde e Guiné-Bissau*, 1975; *No Reino de Caliban II Angola e São Tomé e Príncipe*, 1976; *No Reino de Caliban III Moçambique*, 1996. E ainda a obra de Pires Laranjeira *Literatura Calibanesca*, 1985.

Em 1898 Leo Frobenius³⁸ publicou *Origin of African Cultures* onde demonstrou que o “negro bárbaro” era um mito criado por uma pseudo superioridade europeia, abanando totalmente as convicções europocentristas da supremacia branca, invertendo o conceito dos tempos coloniais modernos, de que o homem africano carregava a marca da inferioridade, incapaz de desenvolver uma cultura criativa e marcante, mas porque as ideologias não caem automaticamente, o mito do “negro primitivo e bárbaro” permaneceu com as práticas colonialistas onde a «negação da personalidade do Outro» (Ferreira, 1989), gerou uma repressão feroz indo da exploração económica à rejeição das culturas autóctones, intervindo em todos os hábitos sociais da culinária ao regime de propriedade, impondo a língua e a cultura metropolitanas.

O colonialismo [...] despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem [...] coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito da sua história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano. (Ferreira, 1989:29)

Convém, no entanto, frisar que nas ex-colónias portuguesas o português, como língua, conviveu de longa data com as línguas autóctones ao ponto de haver quer entre as elites africanas quer no seio dos “metropolitanos” uma realidade bilingue, tal como o referencia Salvato Trigo (1981):

O bilinguismo não é, pois, olhado por eles como um drama, mas mais como uma riqueza, como uma dupla possibilidade de realizarem a síntese cultural

38 Leo Frobenius, 1873 - 1938, Antropólogo, etnólogo e explorador alemão nascido em Berlim, uma autoridade mundial em arte pré-histórica, [...] fundou o Instituto de Pesquisas da África, passando a se dedicar exclusivamente ao assunto. Explorou a África (1904-1935) em busca de provas de antigos contactos culturais e deduziu existir uma origem cultural comum entre a África negra e outros povos. <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LeoFrobe.html> Acesso em julho 2015

entre o especificamente africano e os empréstimos consentidos da cultura ocidental. Deste modo, o bilinguismo transforma-se inevitavelmente num hibridismo linguístico que indigeniza a língua do colonizador a níveis tão profundos que ela se torna irreconhecível para os seus falantes. [...] Compreender-se-á que, à medida que a indigenização se acentuava, aumentava também a ocidentalização das populações indígenas em contacto com elas.

Na sequência do Movimento da Negritude, embora de forma um pouco diversa das colónias francófonas e anglófonas, os intelectuais e artistas africanos das ex-colónias portuguesas vão transpondo a linha de fronteira e progredindo no território “inimigo” com uma consciência mais contestatária: irão combater a exploração económica, o racismo, a falta de oportunidades e de liberdade. Emergem, então, na ficção narrativa e na poesia a afirmação dos valores da África Negra corporizada no orgulho da raça e da sua ancestralidade. Num ensaio publicado na página electrónica da União dos Escritores Angolanos Pires Laranjeira (s/d) afirma que

Mário Pinto de Andrade foi o primeiro africano de língua portuguesa a elaborar textos críticos, estético-doutrinários ou programáticos sobre a poesia africana de língua portuguesa, a partir de uma nítida e assumida posição revolucionária, anti-colonial, não “ultramarinista”, em suma, não portuguesa. [...]. Esse momento tem duas vertentes, a do interesse pelas culturas tradicionais do seu país, nomeadamente a do estudo da língua quimbunda, assumindo uma herança proveniente já de intelectuais oitocentistas [...]. Em “A literatura negra e os seus problemas”, recusou a literatura colonial e considerou que havia duas espécies de “literatura negra”: a oral e a escrita.

Referiremos os casos de Angola e Moçambique e a situação após a Guerra de 39/45, não esquecendo que nas restantes ex-colónias (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau) ocorreram fenómenos idênticos e que a demanda de uma matriz africana identitária em alguns remonta ao século XIX.

Em Angola, a denominada «Geração de 50» funda em 1948 o movimento «Vamos Descobrir Angola» de que fazem parte, entre outros, Maurício Gomes, Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto e António Jacinto não tendo apenas um objectivo puramente literário, pretendiam autonomia cultural e mobilização revolucionária.

O poema «Makézú» (1961) de Viriato Cruz é paradigmático deste regresso ao mundo africano num discurso mestiçado:

MAKÈZÚ

“Kuakié!... Makèzú...”

.....

O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha
Mas de manhã, manhãzinha,
Pede licença ao reumático
E num passo nada prático
Rasga estradinhas na areia...
Lá vai para um cajueiro
Que se levanta altaneiro
No cruzeiro dos caminhos
Das gentes que vão p’ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros
Nem alegres lavadeiras
Dessa nova geração
Das “venidas de alcatrão”
Ouvem o fraco pregão
Da velhinha quitandeira.

- “Kuakié!... Makèzú, Makèzú...”

- “Antão, véia, hoje nada?”

- “Nada, mano Filisberto...”

Hoje os tempo tá mudado...”

- “Mas tá passá gente perto...”

Como é aqui tá fazendo isso?”

- “Não sabe?! Todo esse povo

Pegô num costume novo

Qui diz qué civrização:

Come só pão com chouriço

Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima

(Hum... mbundu Kene muxima...)

Qui o nosso bom makèzú

É pra véios como tu.”

- “Eles não sabe o que diz...

Pru qué Qui vivi filiz

E tem cem ano eu e tu?”

- “É praquê nossas raiz

Tem força do makèzú!...”

Em Moçambique, assiste-se às tertúlias no Café SCALA, em Lourenço Marques, e aparecem representadas todas as tendências estéticas e ideológicas do momento nos jornais «Itinerário», «O brado africano», «A voz de Moçambique», «A tribuna», «Msaho», de que saiu apenas um número em 25 de Outubro de 1952, e se afirmou um marco importante da modernidade poética moçambicana.

Noémia de Sousa, José Craveirinha, Virgílio de Lemos e, mais tarde, Rui Knopfli e Orlando Mendes podem ser considerados representantes de uma literatura moçambicana aberta a outras culturas, a outras vidas, em suma, “viajantes de identidades” e “contrabandistas de almas”.

O poema HINO À MINHA TERRA de José Craveirinha um dos textos fundadores da literatura moçambicana:

HINO À MINHA TERRA

O sangue dos nomes

é o sangue dos homens.

Suga-o tu também se és capaz

tu que não nos amas.

Amanhece

sobre as cidades do futuro.

E uma saudade cresce no nome das coisas

e digo Metengobalame e Macomia

e é Metengobalame a cálida palavra

que os negros inventaram

e não outra coisa Macomia.

E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!

E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!

E outros nomes da minha terra

afluem doces e altivos na memória filial
e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.
Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!
Morrumbala, Namaponda e Namarroi
e o vento a agitar sensualmente as folhas dos canhoeiros
eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè
e apanho as sementes do cutlho e a raíz da txumbula
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.
Oh, as belas terras do meu áfrico País
e os belos animais astutos
ágeis e fortes dos matos do meu País
e os belos rios e os belos lagos e os belos peixes
e as belas aves dos céus do meu país
e todos os nomes que eu amo belos na língua ronga
macua, suaíli, changana,
xítsua e bitonga
dos negros de Camunguine, Zavala, Meponda, Chissibuca
Zongoene, Ribáuè e Mossuril.
– Quissimajulo! Quissimajulo! – gritamos
nossas bocas autenticadas no hausto da terra.
– Aruángua! – Responde a voz dos ventos na cúpula das micaias.

E no luar de cabelos de marfim nas noites de Murrupula
e nas verdes campinas das terras de Sofala a nostalgia sinto
das cidades inconstruídas de Quissico
dos chindjiguiritanas no chilro tropical de Mapulanguene
das árvores de Namacurra, Muxilipo, Massinga
das inexistentes ruas largas de Pindagonga
e das casas de Chinhanguanine, Mugazine e Bala-Bala
nunca vistas nem jamais sonhadas ainda.
Oh! O côncavo seio azul-marinho da baía de Pemba
e as correntes dos rios Nhacuaze, Incomáti, Matola, Púnguè
e o potente espasmo das águas do Limpopo.
Ah! E um cacho das vinhas de espuma do Zambeze coalha ao sol
e os bagos amadurecem fartos um por um
amuletos bantos no esplendor da mais bela vindima.

E o balir pungente do chango e da impala
o meigo olhar negro do xipene
o trote nervoso do egocero assustado

a fuga desvairada do inhacoso bravo no Funhalouro
o espírito de Mahazul nos poentes da Munhuana
o voar das sécuas na Gorongoza
o rugir do leão na Zambézia
o salto do leopardo em Manjacaze
a xidana-kata nas redes dos pescadores da Inhaca
a maresia no remanso idílico de Bilene Macia
o veneno da mamba no capim das terras do régulo Santaca
a música da timbila e do xipendana
o ácido sabor da nhantsuma doce
o sumo da mampsincha madura
o amarelo quente da mavúngua
o gosto da cuácua na boca
o feitiço misterioso de Nengué-ua-Suna.

Meus nomes puros dos tempos
de livres troncos de chanfuta umbila e mucarala
livres estradas de água
livres pomos tumefactos de sémen
livres xingombelas de mulheres e crianças
e xigubos de homens completamente livres!

Grito Nhanzilo, Eráti, Macequece
e o eco das micaias responde: Amaramba, Murrupula,
e nos nomes virgens eu renovo o seu mosto em Muanacamba
e sem medo um negro queima as cinzas e as penas de corvos de agoiro
não corvos sim manguavavas
no esconjuro milenário do nosso invencível Xicuembo!

E o som da xipalapala exprime
os caninos amarelos das quizumbas ainda
mordendo agudas glandes intumescidas de África
antes da circuncisão ébria dos tambores incandescentes
da nossa maior Lua Nova.

Nos anos 60, em Angola, já durante a Guerra de Libertação, iniciada em fevereiro de 1961 e nos primórdios da luta de libertação de Moçambique dois escritores africanos, encontrando-se ambos presos por motivos políticos, inauguraram um novo discurso literário e uma nova forma ficcional: Luandino Vieira e Luís Bernardo Honwana.

Luandino Vieira publica a colectânea *Luuanda*, com as, *estórias* «Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos», «A Estória do Ladrão e do Papagaio» e «A Estória da Galinha e do Ovo» escritas no pavilhão prisional da PIDE em São Paulo, Luanda, durante o ano de 1963, dando voz aos habitantes dos musseques de Luanda, que ultrapassam a fronteira do asfalto.

Luís Bernardo Honwana, denunciando excessos colonialistas, dá a palavra aos camponeses das aldeias e das machambas moçambicanas em sete contos reunidos em *Nós Matámos o Cão Tinhoso*: «Nós Matámos o CãoTinhoso», «Dina», «Papá, Cobra, Eu», «As Mãos dos Pretos», «Inventário de Imóveis e Jacentes», «A Velhota» e «Nhinguitimo», escritos aos 22 anos, durante o tempo passado na prisão.

As «estórias» de Luandino Vieira, narrativas curtas, na sua generalidade, centralizadas sobre a vida dos musseques que circundavam a cidade de Luanda, oferecem-nos uma visão “antropológica” desses bairros: as suas actividades quotidianas, os seus moradores, o sistema racial e as relações sociais e de trabalho, o folclore e as tradições, patenteiam uma nova linguagem, um discurso híbrido das culturas em choque: o português padrão, oficial, imposto e o discurso do musseque, dando voz aos que não a tinham e elevando-a a uma arma ao serviço de uma afirmação cultural.

A escrita de Luandino Vieira, segundo o testemunho do autor, reflecte a necessidade de criar um discurso homólogo ao do povo, isto é, reproduzir os mesmos processos de construção

... conscientes ou inconscientes de que o povo se serve para utilizar a língua portuguesa, quando as suas estruturas linguísticas são, por exemplo, quimbundas [...], interessava-me a estrutura própria da frase, a estrutura do próprio discurso, a lógica interna desse discurso. (Laban, 1980)

Para Maria Lúcia Lepecki a escrita de Luandino Vieira:

... é síntese de um padrão literário comum a todos os espaços de Língua Portuguesa com um outro padrão literário, mas especificamente angolano [...] é inventiva ágil, atenta às potencialidades do «Português em boca angolana» (Lepecki, 1988)

Em maio de 1965, nove anos antes da Revolução dos Cravos, a Sociedade Portuguesa de Escritores (S.P.E.), presidida por Jacinto do Prado Coelho e tendo como júri os escritores Alexandre Pinheiro Torres, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho, João Gaspar Simões e Manuel da Fonseca atribuiu o Grande-Prémio de Novela a *Luuanda*, apreciada como uma obra-prima do conto contemporâneo. Porém, este acto de ousadia e indisciplina da S.P.E. custou caro: todos os membros do júri foram interrogados na PIDE,

tendo ficado os dois primeiros e o último detidos às ordens daquela polícia, a Sociedade foi assaltada e encerrada – não esqueçamos que se vivia no regime fascista, a Guerra Colonial, iniciada em Angola a 4 de Fevereiro de 1961, encontrava-se no auge e Luandino Vieira, que havia sido condenado por actividades subversivas, estava a cumprir pena no Campo de Concentração do Tarrafal.

Neste contexto o escritor Urbano Tavares Rodrigues vaticinou:

Amanhã [...] Luandino Vieira será não só um dos vultos eminentes da Literatura Portuguesa, mas ainda uma figura de realce mundial, por pouco que um eco dos seus contos tão belos, tão comoventes, de um tão límpido e ácido lirismo, chegue aos areópagos da literatura contemporânea.³⁹

Por sua vez, em Moçambique, num período marcado por intensas lutas políticas, no alvor da guerra de libertação (25 de setembro de 1964) Luís Bernardo Honwana, herdeiro das gerações anteriores e reforçado pelas teorias literárias do neo-realismo, publica em 1964 *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, dando voz às inquietações dos jovens moçambicanos da geração da Luta de Libertação.

Em *Nós matámos o Cão Tinhoso*, uma referência na moderna ficção moçambicana, convergem diversas estruturas discursivas: o discurso do dominador e do dominado, o da autoridade colonial e do trabalhador rural e também o do jovem estudante. Está considerado como uma obra que inaugura a moderna literatura moçambicana e marcando a emancipação da ficção narrativa em relação à poesia, influenciou a geração pós-colonial de escritores ao vir revelar o poder colonialista português e o racismo através da demonstração das situações sociais de segregação e de exploração, percorrendo os todos os tipos de personagens: indígenas, mestiços, negros assimilados e brancos racistas.

Na contracapa de 1ª edição o autor confessou:

Não sei se realmente sou escritor. Acho que apenas escrevo sobre coisas que, acontecendo à minha volta, se relacionam intimamente comigo ou traduzem factos que me pareçam decentes. Este livro de histórias é o testemunho em que tento retratar uma série de situações e procedimentos que talvez interesse conhecer.

Em setembro de 2014, aquando da comemoração dos 50 anos da 1ª edição, *Ungulani Ba Ka Khosa* (pseudónimo de Francisco Esaú Cossa), Secretário-Geral da União dos Escritores Moçambicanos considerou o livro “*Nós Matámos o Cão Tinhoso*”

39 SAÚTE Nelson, 1995. «Distinção a “Luuanda”, há 30 anos originou assalto à SPE - Prémio e castigo» in Jornal PÚBLICO, Lisboa, 15 de Maio de 1995, p.23

uma obra maior da Literatura, Moçambicana. Por sua vez, Luís Bernardo Honwana (2014) admitiu:

Efectivamente, é grande e variada a produção ensaística que este livro tem suscitado ao longo destes 50 anos. Muitos dos textos estão marcados pelas polémicas que o aparecimento do livro levantou no ambiente peculiar de um país colonizado que éramos então, mas desde cedo a crítica mais esclarecida identificou nesta pequena colecção de contos, aquilo que certamente a faz transcender o tempo, o lugar e o quadro histórico em que foi produzida⁴⁰

Foi sem dúvida essa transcendência do tempo, do lugar e do quadro histórico, assim como a emoção suscitada por estes contos que terá motivado um jovem autor angolano, nascido anos depois da publicação da obra, Ondjaki, a criar o conto «Nós chorámos pelo cão tihoso» da colectânea *Os da minha rua*, onde um menino da 8ª classe em Luanda, lê, com grande comoção, o conto de Honwana em voz alta e

Foi no tempo da oitava classe, na aula de português. Eu já tinha lido esse texto dois anos antes mas daquela vez a estória me parecia mais bem contada com detalhes que atrapalhavam uma pessoa só de ler ainda em leitura silenciosa - como a camarada professora de português tinha mandado. Era um texto muito conhecido em Luanda: “Nós matámos o Cão Tihoso”.

Eu lembrava-me de tudo: do Ginho, da pressão de ar, da Isaura e das feridas penduradas do Cão Tihoso. Nunca me esqueci disso: um cão com feridas penduradas. Os olhos do cão. Os olhos da Isaura. E agora de repente me aparecia tudo ali de novo. Fiquei atrapalhado. [...] Era assim na oitava classe: ninguém lia o texto do Cão Tihoso sem ter medo de chegar ao fim. [...] O céu ficou carregado de nuvens escurecidas. Olhei lá para fora à espera de uma trovoadas que trouxesse uma chuva de meia-hora. Mas nada. [...] A camarada professora levantou-se, veio devagar para perto de mim, ficou quietinha. Como se quisesse me dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. Aliás, ela já tinha dito, ao me escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha, o último normalmente era o que lia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de me estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tihoso sem chorar.

- Camarada professora - interrompi numa dificuldade de falar. - Não tocou para a saída?

Ela mandou-me continuar. Voltei ao texto. Um peso me atrapalhava a voz e eu nem podia só fazer uma pausa de olhar as nuvens porque tinha que estar

40«A Biblioteca do Macua»

atento ao texto e às lágrimas. Só depois o sino tocou. [...] Houve um silêncio como se tivessem disparado bué de tiros dentro da sala de aulas. Fechei o livro. Olhei as nuvens. Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes.

Quer em *Luuanda* quer em *Nós Matámos o Cão Tinhoso* os autores ousaram mestiçar e indigenizar o padrão metropolitano com as línguas naturais: nos diálogos das personagens, encontramos o uso de formas linguísticas desviantes do português padrão, com o intuito obviamente político, de subverter a língua imposta, violentar, onde era possível, a língua colonial. Mas não só, evidentemente, inovar, criar, reabilitar o discurso do povo e elevá-lo até ao nível literário mesmo que o povo não falasse rigorosamente dessa forma, eram essas as suas regras.

Com as independências, em 1975, um novo ciclo vai iniciar-se, as balizas caíram. Pouco a pouco, os temas e linguagens brotaram, trilhando um caminho ainda difícil, questionando o papel do indivíduo na sociedade, clarificando a procura da identidade individual e nacional. Nessa vereda já irreversível na direcção do futuro foram criadas associações de defesa das respectivas culturas e literaturas.

Em Angola, em Dezembro de 1975, é a «União dos Escritores Angolanos» (UEA) cujos objectivos se norteiam por:

- Promover a defesa da cultura angolana como património da Nação;
- Estimular os trabalhos tendentes a aprofundar o estudo das tradições culturais do povo angolano;
- Incentivar a criação literária dos seus membros, nomeadamente proporcionar-lhes condições favoráveis ao seu trabalho intelectual e à difusão das suas obras;
- Propiciar a revelação de novos escritores, orientando os seus esforços e dando-lhes o necessário apoio;
- Fortalecer os laços com a literatura e as artes dos outros Povos Africanos

A «Associação dos Escritores Moçambicanos» (AEMO) forma-se em Agosto de 1982 com o objectivo dar a conhecer obras e autores de literatura moçambicana e de desenvolver a sua actividade, entre outras formas, através da edição de obras de autores

moçambicanos, da atribuição de prémios literários e da organização de conferências, jornadas e debates visando a divulgação da literatura moçambicana.

Conclusão

Foi um percurso longo e árduo, mas persistente, em 1975 Manuel Ferreira ainda sustentava na revista «Seara Nova»:

... a jornada de Caliban é imparável: apropriou-se da cultura de Próspero, continua a compreendê-lo cada vez melhor, mas cada vez mais dele se afasta. E é por isso que, se este não se acautelar – queremos dizer: se Próspero não operar sem delongas numa reconversão- sujeita-se à fatal impossibilidade de compreender o mundo original e cada vez mais rico de Caliban...

Em Portugal as balizas foram sendo sistematicamente abaladas com as independências, um novo ciclo foi progressivamente iniciado. Pouco a pouco, os temas e a linguagem revelaram a desconstrução da fronteira colonialista, questionou-se o papel do indivíduo na sociedade, clarificou-se a procura da identidade individual e nacional, alargou-se inegavelmente o espaço semântico, na imperiosa necessidade de diversificação.

Com o 25 de Abril de 1974, Próspero foi-se rendendo timidamente a Caliban. No ano lectivo de 74/75 o Professor Manuel Ferreira, fundador e grande impulsionador dos Estudos Africanos em Portugal, foi convidado para criar a cadeira de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Seguiram-se Congressos, Colóquios, Conferências, Seminários, Mestrados e Doutoramentos, desenvolveram-se estudos aprofundados em Portugal e no estrangeiro.

A difusão destas Literaturas é um facto inegável, 40 anos após a obtenção das independências, os autores africanos de língua portuguesa são alvo de sucessivas edições e reedições em Portugal e de traduções em muitas línguas, são galardoados com os mais prestigiados prémio literários de que destacamos o galardão máximo da Língua Portuguesa, o «Prémio Camões», atribuído, em 1991 a José Craveirinha, em 1997 a Pepetela, em 2006 a Luandino Vieira, em 2009 a Arménio Vieira e em 2015 a Mia Couto.

Muitas outras distinções têm tido como alvo escritores africanos das ex-colónias, nomeadamente, e para referir apenas alguns, o Grande Prémio da APE e o Prémio

Saramago a Ondjaki, respectivamente em 2007 e 2013, o Prémio Leya em 2009 a João Paulo Borges Coelho. José Eduardo Agualusa recebeu em várias datas o Grande Prémio de Literatura da RTP, o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco da Associação Portuguesa de Escritores e o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, o Prémio Vergílio Ferreira (Évora) galardoou Mia Couto em 1999, e o Prémio Correntes d'Escritas Ruy Duarte Carvalho em 2008.

Obras de escritores africanos fazem parte dos programas nacionais de ensino e integram o Plano Nacional de Leitura «LER +». Por todo o Portugal os lançamentos dos livros e as sessões de autógrafos contam com inúmeros admiradores assim como as Feiras do Livros.

Não seria justo deixar no esquecimento as editoras portuguesas que ousaram, em tempos ainda difíceis, publicar obras africanas, das pioneiras destaque: Afrontamento, Caminho, Dom Quixote, Edições 70, Plátano, ...

Sim, Próspero está irremediavelmente rendido a Caliban.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Correia, Rosa Adanjo. 1997. «Luandino Vieira: escritor angolano» in *Trabe de Ouro*, Tomo II/Ano VIII, pp.261-277. Santiago de Compostema: Fundación Sotelo Blanco

Cruz, Viriato. 1961. *Coletânea de Poemas: 1947-1950*. Lisboa. Coleção Autores Ultramarinos

Ferreira, Manuel. 1989. «Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa» in *O Discurso no Percurso Africano*. Lisboa. Plátano Editora

Laban, Michel. 1980. «Encontros com Luandino Vieira em Luanda» in *LUANDINO José Luandino Vieira e a sua obra (Estudos, Testemunhos, Entrevistas)*. Lisboa. Edições 70

Lepecki, Maria Lúcia. 1988. «Outro lado: Vozes d' África» in *Sobreimpressões - Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*. Lisboa. Caminho.

Monteiro, Hugo, <http://www.buala.org/pt/a-ler/lingua-linguagem-e-poder-opressoes-na-palavra>. Acesso em julho de 2015

Trigo, Salvato. 1981. *Luandino Vieira - O Logoteta*. Porto. Brasília Editora.

_____. (s/d) *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa. Vega.

Laranjeira, Pires.1995. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto. Afrontamento.

_____. A negritude e a recepção lusófona, em segunda mão, de L'Etudiant Noir (Paris, 1935): de Mário Pinto de Andrade a Alfredo Margarido e Manuel Ferreira - balanço, homenagem e exortação. <http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=630>. Acesso em setembro 2015.

«A biblioteca do Macua» <http://heitor-omximo.blogspot.pt/2014/09/nos-matamos-o-cao-tinhoso.html> Acesso em agosto 2015